




# DA COMÉDIA INFANTIL: ENTRELAÇANDO GÊNEROS, CLASSES, RAÇAS E INFÂNCIAS ESTRANGEIRAS

Of child *comedy*: intertwining genders, classes, races, and foreign childhoods

Adriana Pereira da **SILVA**  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Santa Catarina, Brasil  
[silvadida07@gmail.com](mailto:silvadida07@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1407-783X> 

Ana Lúcia Goulart de **FARIA**  
Universidade Estadual de Campinas UNICAMP  
São Paulo, Brasil  
[cripeq@unicamp.br](mailto:cripeq@unicamp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-1886-3790> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

## RESUMO

O ensaio apresenta uma reflexão crítica em torno da temática das migrações internacionais e as infâncias, entrelaçando problematizações com as dimensões de gêneros, relações de classes, construções de raças, em uma perspectiva interseccional das categorias, bem como dos desafios e possibilidades na multiplicidade de linguagens. Através de um caminho metodológico antropofágico, iniciamos com uma exposição de recorte literário e cinematográfico, passando por pesquisas acadêmicas na área da infância, em interlocução com as Ciências Sociais e as relações internacionais, destacando a crise estrutural do mundo capitalista, que aponta as perversidades sistêmicas que recaem em toda a sociedade e, em especial, nas infâncias migrantes. Neste percurso, instigadas pelos desafios da temática e comprometidas com todas as infâncias, visualizamos uma proposição política, pedagógica e poética de contribuição e responsabilização coletiva perante a comédia/tragédia infantil na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infâncias. Migrações. Educação. Pedagogia macunaímica.

## ABSTRACT

The article presents a critical reflection around the theme of international migrations and childhoods, intertwining problematizations with the dimensions of genders, class relations, construction of races, in an intersectional perspective of the categories, as well as the challenges and possibilities in the multiplicity of languages. Through an anthropophagic methodological path, we start with an exhibition of literary and cinematographic aspects, going through academic research in the area of childhood, in interlocution with the social sciences and international relations, highlighting the structural crisis of the capitalist world, which points to systemic perversities that fall upon the entire society and especially upon migrant children. Along this path, instigated by the challenges of the theme and committed to all childhoods, we envision a political, pedagogical and poetic proposition of collective contribution and accountability in view of the contemporary child comedy/tragedy.

**KEYWORDS:** Childhoods. Migrations. Education. Macunaimic Pedagogy.

## INTRODUÇÃO

Fomos educadas para respeitar mais o medo do que a necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar (LORDE, 1984/2019).

A escolha desta epígrafe, extraída de uma comunicação de Audre Lorde<sup>1</sup> no painel “Lésbicas e literatura”, da Associação de Línguas Modernas em 1977, publicado em vários livros da autora e primeiramente reproduzida no Brasil pelo portal Geledés<sup>2</sup>, com o título *A transformação do silêncio em linguagem e ação*, nos incita perante aos desafios de reflexão teórica e prática – uma práxis em relação às complexas tramas e dramas das migrações internacionais e as infâncias no mundo contemporâneo.

Trata-se de um tema que nos instiga em busca de entrelaçar linguagens e construir algumas possíveis definições para retratar a tragédia infantil que milhares de crianças vivem em diversos territórios, precarizados pela miséria, destruídos pelas guerras, afogados pelo peso de um sistema econômico perverso que através do medo, da apatia, da hierarquização do humano, na invenção das raças e naturalização das desigualdades nos impõem silêncios frente ao capitalismo que destrói populações e países cotidianamente.

Buscando compreender o fenômeno em nossa pesquisa bibliográfica, tendo como palavras-chave infância e migrações, de 2000 a 2020, não encontramos uma vasta bibliografia, porém instigantes referências. Seleccionamos algumas de pesquisadoras da área da Educação, em especial na interlocução com os estudos da infância, que trataram do tema da migração em suas pesquisas: as teses de Siller (2011) e Norões (2018); a dissertação de Grajner (2018); os artigos que resultaram de pesquisas no mestrado de Conde e Alcubierre (2018); Freitas e Silva (2015), assim como outros resultados de pesquisa na área da Educação de Demartini (2004), na área de Relações

---

<sup>1</sup> Audre Lorde foi uma escritora, feminista, negra, lésbica, filha de imigrantes caribenhos que viviam nos Estados Unidos; foi responsável por cunhar o termo de autocuidado feminino e umas das precursoras do feminismo interseccional na década de 1980; o autocuidado idealizado por Lorde tem mais a ver com se dar o que se necessita, buscar ajuda, redes de apoio, e também estabelecer limites, contornos. Saber dizer não em contextos de opressão, por exemplo, é um grande ato de autocuidado que não aparece nas fotos ou nas tags do Instagram. Porque não é bonito, palatável, nem vende produto algum — pelo contrário, assusta. E, o mais importante, cuidar de si para ajudar as que estão ao lado a romper, juntas, o ciclo de opressão. <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/quem-foi-audre-lorde-e-o-que-ela-nos-ensina-sobre-autocuidado-feminino/> Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>2</sup> <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em: 20 abr. 2020.

Internacionais de Martuscelli (2017) e nas Ciências Sociais de Pavez-Soto (2013), ambos com foco na infância.

Nesta perspectiva de um embasamento teórico inicial, as pesquisas em geral nos inquietaram, apontando para a complexidade do fenômeno em suas contradições estruturais, mas também com possibilidades fundamentais e emergentes de transformações sociais. É nessa direção que elaboramos este ensaio, entrelaçando linguagens, buscando análises interseccionais, com olhares diversos e escrita polissêmica, como criancistas e criançólogas materialistas que acreditam e defendem que, parafraseando Marx (2007), em *Teses sobre Feuerbach*, além de interpretarmos o mundo, precisamos transformá-lo, inclusive a partir das nossas produções de conhecimento.

## **COMÉDIA E/OU TRAGÉDIA INFANTIL EM GÊNEROS LITERÁRIO, CINEMATOGRAFICO E HISTÓRICO: OLHARES EM MOÇAMBIQUE, SUÉCIA, BRASIL**

A etimologia da palavra comédia<sup>3</sup> vem do latim *comoedia.ae.*; suas definições são múltiplas; substantivo feminino que no teatro ou nas artes da cena é uma peça ou narrativa, cujo objetivo é entreter ou divertir, normalmente com uma abordagem cômica das situações, dos hábitos e de seus participantes ou personagens. Também pode, em seu sentido figurado, marcar a ação de um indivíduo, situação ou ação engraçada, ridícula. Para nossa reflexão, destacam-se as definições relacionadas à comédia como a arte do teatro, do drama encenado e do grupo de pessoas que atuam em teatro(s) ou companhia de teatro.

O termo *Comédia Infantil* que apresentamos como título e eixo de nossa reflexão é retirado do título de um filme realizado pela cineasta sueca - também naturalizada portuguesa - Solveig Nordlund, em Moçambique numa produção sueca, portuguesa, moçambicana, lançado em 1998. Foi baseado no romance homônimo do escritor sueco Henning Mankell, que aos 24 anos realizou seu sonho de viver em África. Viveu em Zâmbia e a partir de 1975 (ano da *Revolução dos Cravos* e libertação das colônias portuguesas em África) viveu em Moçambique, fundando em 1986 o Teatro

---

<sup>3</sup> Consulta on-line no Dicionário da Língua Portuguesa. <https://www.dicio.com.br/comedia/> Acesso em: 10 maio 2020.

Avenida, também dirigido por ele.<sup>4</sup> Conta a história de Nélio, um garotinho africano que perdeu toda a família na Guerra Civil, e foi levado a um campo de treino para meninos soldados. Tanto no livro como no filme, do início ao fim da narrativa, a possível alusão à comédia, isso é, à peça de teatro, onde Nélio, ferido à bala, narra sua história a seu amigo padeiro que ali trabalha. No início do filme, é apresentado esse contexto do teatro, de sua dona-gestora e a padaria que ali funcionava para financiar o trabalho artístico.

Nélio narra a destruição da sua aldeia na calada da noite, com o assassinato de sua família, a sua fuga espetacular dos assassinos que os levavam ao campo dos meninos soldados, passando por sua odisseia mística de chegada à cidade, os apoios mágicos, a exploração das crianças órfãs de pais e mães exterminados/as na guerra, por homens em suas múltiplas ameaças, da violência ao abuso sexual, do lucro em cima de suas vidas em frangalhos e do pequeno grupo de meninos formado nas ruas da cidade. Em especial, destacamos o encontro com a menina albina<sup>5</sup>, (ativa, curiosa e esperta é acolhida no grupo após um episódio em que aluga seus sapatos para os meninos irem ao cinema e desaparece após salvar o grupo da polícia passando-se por uma menina branca), potencializando o coletivo infantil que sobrevive aos arredores do Teatro no centro urbano.

Esse pequeno coletivo infantil, de meninos africanos filhos da guerra, crianças abandonadas pelo Estado, cria suas regras e possibilidades de reprodução da vida em meio ao caos da miséria e da indiferença que permeiam as relações dessas crianças desterritorializadas, com famílias assassinadas, sem direitos e referências. É dolorosa a escuta do seu interlocutor no filme e a nossa, leitor, leitora ou espectador e espectadora, perante o horror da condição de tragédia que perpassa sua vida e nos remete às nossas crianças brasileiras, também há muito retratadas pela literatura e pelo cinema. Como

---

<sup>4</sup> Cabe destacar que a publicação do livro e todo recurso arrecadado com sua venda Mankell doava em Maputo, contribuindo para o financiamento do trabalho artístico do próprio Teatro Avenida. Mankell afirma no Prefácio do livro que se trata de uma história que mistura realidade e fantasia e que assim nenhum personagem é retratado e nem a cidade ou país é fielmente descrito, mas que “certamente todos os anos que vivi em Moçambique influenciaram este livro e também fui inspirado por meu trabalho com o grupo de teatro ‘Mutembela Gogo’.

<sup>5</sup> Segundo Ikponwosa Ero, advogada nigeriana e albina que atua como especialista independente da ONU sobre os direitos humanos dos albinos, em algumas partes do mundo, pessoas albinas são caçadas e mutiladas por praticantes de “bruxaria”, que usam as partes do corpo de suas vítimas em rituais e na fabricação de amuletos e poções. “Mitos perigosos alimentam esses ataques a pessoas inocentes. Muitos erroneamente acreditam que as pessoas com albinismo não são seres humanos, mas são fantasmas ou subumanos e não podem morrer, mas apenas desaparecer”, explicou. Fonte: <https://nacoesunidas.org/pessoas-com-albinismo-sao-perseguidas-e-mortas-por-praticantes-de-bruxaria-relatora-onu/> Acesso em: 15 maio 2020.

exemplo, a obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, de 1937. Durante o período do Estado Novo, na Ditadura Vargas, teve até fogueira dos livros queimados em praça pública, evidenciando a problematização da infância pobre a ser simbolicamente exterminada pelo Estado brasileiro.

Sob o novo regime, não surpreende que *Capitães da Areia*, uma crítica mordaz à desigualdade, que transformava meninos de rua em heróis, em vez de tratá-los como delinquentes e malandros, tenha engrossado desde o início a longa lista de obras censuradas. Além disso, o livro foi escrito por um autor filiado ao PCB - e que seria preso duas vezes por conta disso.<sup>6</sup>

Em *Capitães da Areia*, um clássico da literatura brasileira, a rua é espaço de liberdade, que faz a formação revolucionária das crianças. Pedro Bala, seu líder, é filho de um estivador comunista que ao liderar uma greve no porto foi assassinado por policiais.

Entrelaçamos essas crianças, de tempos e contextos distintos, a partir do cinema como linguagem audiovisual que permite pensar, criar e construir possibilidades estéticas de uma infância, enquanto tempo a ser inventado e construído na interface das experiências históricas do passado, do presente e do futuro, ou seja, cinemas e infâncias no plural, na diversidade e multiplicidade de pontos de vista (SILVA, 2014).

O entrelaçamento dessas crianças, com semelhanças em relação a sua comédia/tragédia infantil, em nossa análise o que as aproxima é a condição infantil, sobretudo das relações de classe e suas marcas nefastas do colonialismo no imbricamento da sua dinâmica de exploração e opressão. Em ambas histórias, os autores têm uma trajetória política literária: Jorge Amado foi do Partido Comunista e Henning Mankell foi um ativista das artes e dos direitos humanos, combativo na luta pela libertação das colônias portuguesas. Ambos autores, cada um da sua forma, transformaram o silêncio em linguagem e ação, colocando as 'infâncias ameaçadas' em evidência e movimento.

Silêncio, linguagem e infâncias ameaçadas são tecidas em outra polêmica e controversa<sup>7</sup> referência sueca que instiga e inquieta. Trata-se de uma misteriosa doença

---

<sup>6</sup> 'Capitães da Areia': o dia em que o Estado Novo queimou um dos maiores clássicos da literatura brasileira por Pablo Uchoa - @pablouchoa - Da BBC Brasil em Londres. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41969983> Acesso em: 8 maio 2020.

<sup>7</sup> Controversa por ter relatos na mídia sueca, desde a época, 15 anos atrás quando saiu a primeira reportagem sobre crianças apáticas na televisão SVT no programa "Uppdrag granskning" (missão investigativa) severamente criticado, que justificam que uma interpretação desta doença é que as famílias que estando na iminência de serem deportadas para o país de origem forçavam seus/as filhos/as fingirem, brincarem de apáticas a fim de aumentar a chance delas permanecerem na Suécia, obtendo mais facilmente o visto. Chegaram a suspeitar que talvez drogassem as crianças para ficarem neste estado. Fonte: Programa "Medierna" (as mídias) da radio P1 da Suécia). Acesso em: 27 abr. 2020.

que ocorre na Suécia, intitulada Síndrome da Resignação. Foi retratada em “A vida em mim” - *De apatiska barnen* (a criança apática), um documentário sueco-americano de 2019, dirigido por Kristine Samuelson e John Haptas. Apresenta que, nos últimos quinze anos, o número de pessoas que desenvolveram essa síndrome vem crescendo drasticamente, 90% dos casos se concentram na Suécia, mas começam a despontar em outros locais de abrigo e acolhimento dos/as refugiados/as, como, por exemplo, na Austrália. Contudo, as causas ainda são pouco conhecidas pela comunidade médica. Segundo relatos dos pais dos jovens, tudo começa quando param de falar e a recusar comida e bebida. Com o tempo vão querendo apenas ficar deitados e não reagem mais a nenhum estímulo vital, entrando em um estado de apatia física, mental e emocional<sup>8</sup>.

**Imagem 1:** extraída do documentário “A vida em mim” (2019), disponível na Netflix.



**Fonte:** <https://www.netflix.com/br/title/81034980> Acesso em: 10 maio 2020.

A partir desta imagens e referências salientamos uma questão fundamental de método de pesquisa e criação com perspectiva interseccional (Akotirene, 2019), ao relacionarmos cinema e infância, nossa perspectiva busca por metodologias de pesquisa com crianças e a experiência cinematográfica, visando a uma interlocução que provoque um refinamento de nossas lentes, do olhar de adulto, colonizado, mas que anseia outras miradas possíveis e emergentes a respeito das crianças e suas infâncias. Compreendemos que a infância que explode na tela de cinema, em filmes de autor, de ficção, documentários, históricos, poéticos e políticos, desde o neorrealismo italiano no pós-guerra, instaurado por Roberto Rossellini com a trilogia da guerra, é um importante instrumento estético, artefato político e poético de humanização (SILVA; FINCO, 2015).

Ainda para problematizarmos as infâncias que o cinema contemporâneo tem retratado, com intersecções de classe, gênero, idade e raça/etnia em suas narrativas críticas, destacamos duas produções contundentes: *Assunto de família* (Japão, 2018),

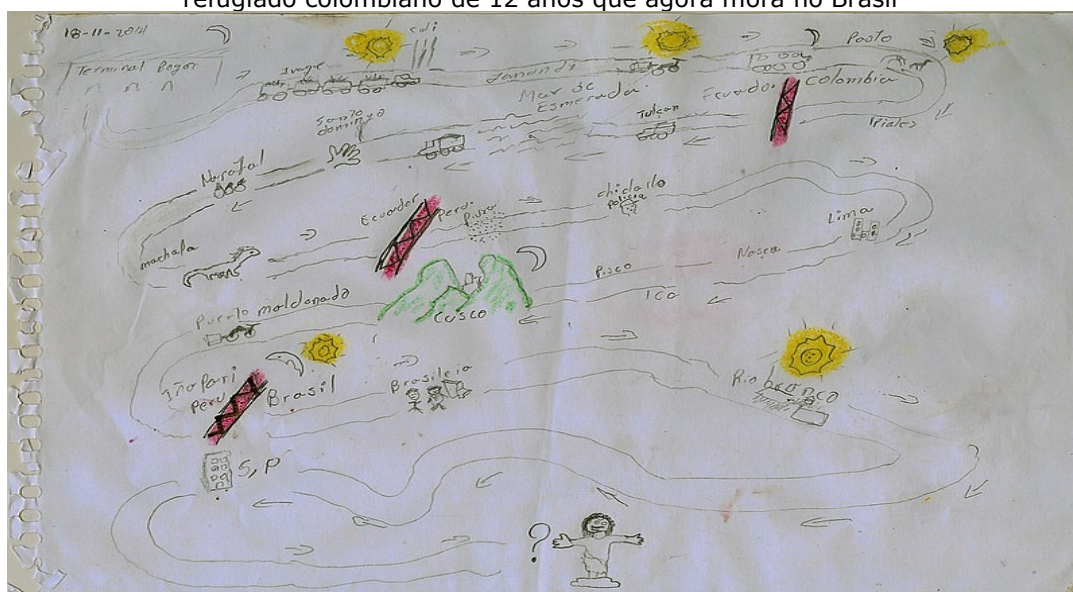
<sup>8</sup><https://catracalivre.com.br/entretenimento/netflix-a-vida-em-mim-desvenda-a-sindrome-da-resignacao/> Acesso em: 20 abr.2020.



de Kore-Eda Hirokazu, e *Cafarnaum* (2019), de Nadine Labaki. Em ambas produções, há crianças em situação de 'vulnerabilidade' social, envolvendo famílias, violências, mas também apresentando possibilidade de deslocamentos possíveis, movimentos reflexivos no desejo da criação/invenção de um "outro lugar" para pesquisar e compreender as crianças, bem como da responsabilização dos adultos perante as condições dadas que permitem ou não a reprodução da vida e a produção das culturas infantis.

## INFÂNCIAS EM RISCOS E RABISCOS: MIGRAÇÕES, DIFERENÇAS E DIREITOS HUMANOS

**Imagem 2:** Mapa da trajetória migratória de Enrico: refugiado colombiano de 12 anos que agora mora no Brasil<sup>9</sup>



**Fonte:** Brasil de Fato, 12 de Dez. 2016.

As migrações internacionais contemporâneas são um fenômeno complexo, pois além dos deslocamentos relacionados às melhores condições de trabalho e vida, há uma geopolítica perversa de guerras, fome, perseguições políticas e uma trama de violência que expulsa pessoas de seus territórios de origem, os imigrantes e refugiados.

Nessa trama, cabe destacar que problematizar infância e migração requer uma atenção especial às crianças refugiadas, a saber: qual a diferença ou questão de foco?

<sup>9</sup> Este desenho faz parte do Trabalho de Conclusão de curso "Por um Pedaco de Terra ou de Paz", da estudante de jornalismo Júlia Dolce, que conta os relatos de dez crianças em situação de refúgio no Brasil, de cinco nacionalidades diferentes, a partir de abordagens pensadas para relatar as histórias de conflitos armados, violência e refúgio, de forma que as entrevistas diretas fossem contornadas, como a reprodução de desenhos feitos e músicas cantadas pelas próprias crianças e produção de um glossário também respondido por elas. É possível acessar o trabalho na íntegra pela internet.

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/12/crianca-refugiada-no-brasil-conta-suas-historias-atraves-de-desenhos> Acesso em: 20 abr. 2020.

As agências internacionais de regulação ligadas à pauta dos Direitos Humanos – ONU, UNICEF – destacam que vivemos uma crise global no contexto migratório só comparável ao final da Segunda Guerra Mundial, em meados do século passado, ressaltando o deslocamento à força; milhares de pessoas não migram por escolha, evidenciando as terríveis condições de deslocamento, as relações de liberdade *versus* vulnerabilidade e graves violações aos direitos humanos.<sup>10</sup>

No Brasil, a população de imigrantes é de 700 mil habitantes, cerca de 47 mil são considerados refugiados. Desses, 37 mil eram venezuelanos, em 2019; cerca de 523 venezuelanos entraram por dia no Brasil. Segundo o perfil dos Municípios Brasileiros (Munic) 2018, divulgado pelo IBGE, 3.876 municípios brasileiros abrigam imigrantes, mas apenas 215 têm algum tipo de serviço especializado de atenção a essa população,<sup>11</sup> ou seja, há um evidente descaso das políticas públicas.

Os dados do Censo (IBGE, 2010) salientam que os fluxos migratórios internos caíram no Brasil a partir de 2010, porém, 35,4% da população brasileira não residia no município onde havia nascido e a região sul, no quinquênio 2005-2010, foi a que mais aumentou sua mobilidade espacial. Diante das transformações no mundo do trabalho e da atual conjuntura social, é explícito que muitas famílias fazem parte da maioria da população brasileira que está sujeita à precarização cada vez mais intensa das relações de trabalho, e as crianças que as acompanham carregam sua territorialidade (CONDE; ALCUBIERRE, 2018).

Ainda em relação à migração interna, com o histórico desenvolvimento territorial desigual do norte e do sul, processo bipolar da distribuição espacial no Brasil, que se mantinha desde o início do século XX, estudos do IBGE (2011) apontam que a migração interna brasileira, desde a década de 1980, tem tido significativas transformações em relação às décadas anteriores, marcadas pela urbanização e industrialização. Os deslocamentos de população iniciam uma fase de mudanças no sentido das correntes principais, com antigos espaços de atração migratória perdendo expressão.

Falar da imigração é falar da sociedade como um todo. É trazer uma prática em todas as suas dimensões diacrônicas, evolução do tempo e sincrônicas, fatos específicos, pontuais, concomitantes e contemporâneos. É falar de processos complexos que precisam ser abordados desde uma perspectiva que integre dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais e jurídicas (SILLER, 2011, p.12).

<sup>10</sup><https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>11</sup><https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25516- apenas-5-5-dos-municipios-com-imigrantes-tem-servicos-focados-nessa-populacao> Acesso em: 10 nov. 2020.



O arcabouço jurídico brasileiro tem duas principais leis que se referem à ação do estado à população imigrante, a lei de migração e o estatuto do refugiado, ambas prescrevem acessos à igualdade de direitos: de acesso a mercado de trabalho, aos serviços públicos – saúde, educação, ao ECA, dentre outros. A Lei de Migração 13.445/2017

[...] estabelece os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a entrada e estada no país e define princípios e diretrizes para as políticas públicas para o imigrante. E o Estatuto dos Refugiados LEI 9.474/1997 que determina: Será reconhecido como refugiado o indivíduo perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas e grave e generalizada violação de direitos humanos.

Atualmente no Brasil há um intenso fluxo migratório venezuelano, que é o maior da história recente latino-americana. O governo brasileiro institui junto a outras agências internacionais a *Operação Acolhida*, em Roraima, com arcabouço normativo jurídico que dá sustentação organizacional e tem feito uma assistência com ordenamento na fronteira, com abrigos para documentação, vacinação e gestão humanitária.

Segundo o relatório mundial de 2019 da *Human Rights Watch*, uma organização internacional de direitos humanos, não governamental, sem fins lucrativos, trabalhando em diversas localidades ao redor do mundo, em seu relato acerca da questão dos imigrantes e refugiados no Brasil, destaca a questão venezuelana: “O governo tem demorado para integrá-los à sociedade; a maioria das crianças em abrigos não frequenta a escola e muitos venezuelanos ainda não têm documentos”<sup>12</sup>.

Trata-se de um cenário de horror, com violências dos dois lados da fronteira, intensificada pela situação política de extrema direita no Brasil e acirramento da violência com o colapso venezuelano, deixando um questionamento a respeito da infância em meio à complexidade dessas migrações internacionais. É uma experiência complexa, que envolve intensa mobilização governamental para integrar essa população, porém há duas questões centrais: a desigualdade territorial – na região norte, e a questão indígena, que não tem nenhuma regulação de sua migração, geralmente forçada, devido a ações de garimpeiros e a violência em seus territórios.

Segundo o Relatório – Violência contra os povos indígenas no Brasil – Dados de 2015, e especialmente destacado no artigo “De Projetos a Projéteis: a trajetória da violência contra os povos indígenas no Brasil” (CIMI, 2015), o autor afirma que os povos

<sup>12</sup><https://www.hrw.org/pt/world-report/2019/country-chapters/326447#96b65d> Acesso em: 27 abr. 2020.

indígenas, apesar de todos os ataques, não se intimidam e mantêm firme disposição, coesão e organização necessárias para vencer os “projetos de morte e a própria morte que o agrocrime, um dos sujeitos operadores do Capital, tenta lhes impor. A luta e a esperança continuam. Quanto mais luta, maior a esperança.” (BUZETTO, 2015, p. 15).

Pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas – UFAM também destacam em suas análises as contradições que atravessam a problemática: “os problemas da fronteira e as fronteiras dos problemas” (MOTA, 2016, p.80) e conforme afirma Sidney Silva (2015), acerca da migração haitiana na rota amazônica:

[...] a falta de políticas sociais voltada para migrantes é um reflexo da política de “acolhida” nas fronteiras físicas, ou seja, elas revelam quem é “desejado” ou não pelos estados nacionais, que gerenciam suas fronteiras de acordo com seus interesses, e não na perspectiva dos direitos dos imigrantes. (SILVA, 2015, p.138).

Segundo dados da Organização Internacional das Migrações (OIM)<sup>13</sup>, 15% dos 244 milhões de imigrantes registrados no ano de 2015, ou seja, 37 milhões de pessoas possuíam menos de 18 anos (IOM, 2016). Segundo a UNICEF (2016), cerca de 50 milhões de crianças cruzaram fronteiras, 28 milhões fugindo de violência e insegurança. Além dessas, podemos contar outras 17 milhões que se deslocaram dentro de seus estados nacionais, sendo consideradas como deslocadas internas. De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), 51% dos 21,3 milhões de refugiados em 2015 eram crianças, e houve o registro recorde de 98.400 menores desacompanhados ou separados que solicitaram refúgio em 2016, oriundos principalmente de países como Afeganistão, Eritreia, Síria e Somália. Há um grande aumento nesse fenômeno em relação aos anos anteriores, quando foram registrados 34.300 em 2014 e 25.300 em 2013 (UNHCR, 2016).

Em sua dissertação de mestrado *Crianças Refugiadas: um olhar para a infância e seus direitos*, Deborah Grajner (2018) coloca em diálogo perspectivas do Direito, da Educação e da Infância, com o pressuposto da criança refugiada como sujeito pleno de direito que vive a infância enquanto categoria social, destacando que embora seja notório o crescimento da migração infantil internacional, com a agravante situação das crianças refugiadas, ainda é um assunto pouco retratado. Infâncias invisíveis?

Nesta perspectiva de visibilizar as infâncias migrantes em sua tragédia estrutural contemporâneo que trazemos a imagem que segue e circulou a mídia internacional em

<sup>13</sup> <https://nacoesunidas.org/agencia/oim/> Acesso em: 10 maio 2020.

meados de 2016, evidenciando os horrores das guerras que provocam boa parte dos deslocamentos transnacionais.

**Imagem 3:** Omran, 5 anos, dá um rosto para a guerra da Síria

## Femårige Omran ger kriget i Syrien ett ansikte

UPPDATERAD IGÅR PUBLICERAD 2016-08-18



**Fonte:** Jornal sueco Sudsvenska, 18/08/2016

Segundo Patrícia Martuccesli (2017), pesquisadora da área de relações internacionais a respeito da questão das crianças desacompanhadas, esse fenômeno ainda é pouco estudado, porque a criança tende a ser considerada um apêndice de seus familiares durante o processo migratório, não sendo reconhecida sua possibilidade de 'agência'<sup>14</sup>, do ponto de vista legal, de acesso aos seus direitos. "Isso ocorre porque a perspectiva dos direitos da criança não foi incorporada em políticas e legislações migratórias visto que não se reconhece a real possibilidade de a criança decidir por vontade própria se tornar um migrante" (MARTUCCESLI, 2017, p.83). Ainda salienta que as crianças e os jovens migram por diversos motivos, mas em muitas situações por questões ligadas à violência, violação dos direitos humanos e em busca de melhores condições de vida.

<sup>14</sup> Questionamos se essa possibilidade de agência não está relacionada à condição da criança de exploração-opressão perante os adultos.

Na imagem abaixo também evidenciamos a problemática da infância na interlocução com o adultocêntrismo que limita e restringe a participação social das crianças como sujeitos de direitos.

**Imagem 4:** Charge de Laerte.



**Fonte:** Laerte (2000)

Outras pesquisas na interlocução da Infância e Migrações também problematizam os poucos estudos referentes à temática da infância e migrações, muitas com foco nas crianças e suas infâncias a partir do olhar dos adultos, numa perspectiva adultocêntrica (SILLER, 2011). Cabe ressaltar que, em algumas sociedades, a imigração é constituinte de sua história (DEMARTINI, 2004) e a busca de integração ou unidade nacional é constante, trazendo implicações para a educação, em como o conceito de infância muda em contextos transnacionais, com idealizações que se transformam em desigualdade, conflito e negociação (PAVEZ-SOTO, 2013), complexidade que nos instiga para a situação da criança que se tornou “o outro que chega”, aquele que “deve se adaptar” (FREITAS; SILVA, 2015).

No artigo “Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões”, Marcos Cezar de Freitas e Ana Paula Silva (2015) apresentam os resultados de uma pesquisa que evidenciou as contradições, de classe e etnia com uma perspectiva interseccional de hierarquização social, na relação das crianças estrangeiras na rede pública,

As crianças de origem boliviana, de uma maneira geral, incluindo-se as brasileiras de nascimento, carregam traços étnicos e fenotípicos próprios que são ressaltados nos momentos de tensão, quando alguém abre mão do nome da criança para referir-se a ela como “boliviana” ou “boliva”. Enquanto cada uma dessas crianças lida diariamente com a construção e a reconstrução da condição de estrangeira, seus pais, muito especialmente suas mães, se reelaboram nos bastidores de um

Da problemática concreta da presença e demanda das crianças em condição de *estrangeiras* (NORÕES, 2018), as pesquisas em geral destacam a luta a ser travada pelo direito de serem crianças, sobretudo na educação. Nesta perspectiva de contribuirmos na área da educação das infâncias no Brasil que nos questionamos sobre a complexidade e potência da criança estrangeira nas relações de diversidade que podem constituir uma Pedagogia da Infância 0 a 10, campo onde atuamos como professoras/pesquisadoras.

No II Seminário de GRUPECI- Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, realizado na UERJ, em 2010, o GEPEDISC - Culturas Infantis da Faculdade de Educação da Unicamp, do qual nós, autoras, fazemos parte, foi apresentado o trabalho *Estrangeira: a criança*, focando nas discussões metodológicas da tensão entre o marxismo e as teorias pós-estruturalistas, enfatizando os estudos de gênero, etnia, classe social e idade; e os estudos pós-colonialistas, pesquisas em andamento, concluídas, algumas estavam no olho do furacão das políticas públicas em diversas regiões do Brasil, em tempos e espaços distintos, com crianças em inventivas cirandas, construindo na luta pela terra suas identidades, produzindo as culturas infantis dos sem-terrinha. Buscávamos novos olhares que atravessaram o Atlântico para nos maravilhar com crianças estrangeiras, a criança estrangeira que por exemplo, fala outra língua e não entende a nossa, a nos convidar a maravilharmos com elas, suas produções, suas transgressões e também a nos inspirar para ‘estrangeirarmos’. E para recriarmos nossas percepções e possibilidades de transformação desta realidade social determinada e perversa, em que a criança e suas infâncias estão sempre ameaçadas a perderem-se na lógica do formal, do vir a ser, assim como nós, os/as adultos/as, formados/as e formatados/as , sem mais magia e o mistério da vida.

Ao nos propormos uma reflexão crítica das infâncias e as migrações internacionais, retomamos esse movimento, constantemente na perspectiva crítica, interseccional articulando gênero, idade, raça/etnia e sobretudo classe, pois é inevitável nos depararmos com múltiplos contextos de horror e dor, narrativas globais marcadas pela fome, violência e violação dos direitos humanos, reflexos de um mundo doente, desumanizado nesse sistema *capetalista* (KRENAK, 2019).

Como método, visualizamos que seja pleno de contradições, mas também preche de possibilidades e, neste sentido, como criar esse



outro mundo possível, parafraseando a célebre canção *Rosa de Hiroshima*, de Vinicius de Moraes<sup>15</sup>, interpretada pelo grupo Secos e Molhados que, em 1979, com coragem, rompia silêncios ditatoriais e nos instigava a pensarmos nas crianças mudas telepáticas!

Pensemos à brasileira: com arte, ciência, várias linguagens, políticas, pedagogias. Antropofagicamente, como nos incita Oswald de Andrade.

Só a antropofagia nos une.  
Socialmente.  
Economicamente.  
Philosophicamente.  
(...) Tupy or not tupy, that is the question.  
(ANDRADE, 1928/1974)

## **POR UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA<sup>16</sup> MACUNAÍMICA: LÍNGUAS, LINGUAGENS E DIVERSIDADES**

Nesta seção buscamos trazer a questão central do texto sobre infâncias e migrações, na interlocução de pedagogias descolonizadoras, no âmbito de uma educação transgressora como prática de liberdade (hooks, 2017). Propondo neste movimento uma contribuição para a temática das migrações, tangenciando para problematizações a cerca da violência patriarcal, que embora aparentemente desviam o assunto mais que contribuem fundamentalmente para compreender os contextos das migrações contemporâneas, do ponto de vista da crítica estrutural.

A partir disto, apresentamos nossa articulação por uma pedagogia da infância macunaímica, subsidiada por um trabalho coletivo, do Gepedisc linha Culturas Infantis, inspiradas pelo modernismo criativo do passado, que como método é reinventado no presente, a partir do ciclo histórico de constante movimento migratório que marca a história do Brasil, dos parques infantis idealizados, entre tantos outros, mas em 1935 pelo poeta e escritor Mário de Andrade, quando foi Diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo (FARIA, 1999) às desobediências epistêmicas que marcam o pensamento pós colonial que vem insuflando as novas pedagogias descolonizadoras contemporâneas.

Para entender melhor o PI como proposta educacional ainda válida para os nossos dias, será importante observar que as idéias de Mário de Andrade a respeito da construção de uma identidade nacional englobavam todas as faixas etárias e todas as camadas sociais. Através das manifestações populares, folclóricas, artísticas e estéticas, a infância e o operariado estavam presentes consumindo e produzindo

<sup>15</sup> <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/rosa-de-hiroxima> Acesso em: 1 maio 2020.

<sup>16</sup> [Referimo-nos à infância de 0-10 anos: Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.](#)



cultura, abrasileirando, portanto, o país. Seus fundamentos não eram os da educação escolar da época, que o poeta criticava. (FARIA, 1999, p.64).

Revisitamos o Manifesto Antropofágico como princípio metodológico de, ao devorar as pedagogias críticas europeias, em especial as italianas, que nos inspiram com suas históricas transgressões em articulações estéticas, éticas e políticas. Nesta perspectiva criativa, vamos nos alimentando de suas críticas ao mundo capitalista, patriarcal, violento, homofóbico, individualista, conservador, racista, machista, elitista, adultocêntrico e nesse movimento propomos pedagogias macunaímicas, para criar “à brasileira” o nosso repertório de pedagogias da infância.

Contrários às pedagogias escolarizantes, ou mesmo psicologizantes, que estratificam as crianças e negociam o ensino-aprendizagem, o que chamamos de pedagogia macunaímica e desconolizadoras são pedagogias que constroem seus movimentos em outras e, porque não, novas direções, sem abandonar os arcabouços das ciências psicológicas ou da educação. São investidas transversais, que rompem as estratificações dos conhecimentos e customizam os diferentes saberes ao produzir um pensamento plural e emancipador, macunaímico. Sem convencer ninguém, como afirma Saramago (2008, p. 2), pois “convencer é colonizar!” É no ritual antropofágico que incorporamos as forças das Ciências Sociais, sem cair nas estratégias científicas de querer fabricar e legitimar essas produções como técnicas. Macunaíma é acontecimento! É no acontecimento que se abrem fissuras para trabalhar atentamente o imprevisto, o não dito, o interdito! (SANTOS; SANTIAGO; BARREIRO, MACEDO; FARIA, 2018, p. 16).

Macunaíma, personagem do livro homônimo de Mário de Andrade, publicado em 1928, é considerado obra-prima da literatura brasileira. O seu nascimento como filho do silêncio (filho da terra) é o nascimento da própria cultura brasileira. Nessa situação inicial, podemos perceber a concepção de herói que Mário de Andrade emprega em *Macunaíma*. Ele é filho do “silêncio”<sup>17</sup> e do “medo da noite”, portanto, confirma a falta de paternidade, comum a todo herói. Macunaíma é fundador da cultura de nossa gente, entretanto, Mário interfere na definição do povo representado pelo herói e define em suas próprias palavras:

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora, depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que parece certa: o brasileiro não tem caráter. (...) e com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior no sentimento na língua da História, da andadura, tanto no bem como no mal. (O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo eminente, ou consciência de séculos tenha auxiliado o certo é que esses uns têm caráter.) Brasileiro (não). (ANDRADE *apud* ANCONA LOPES, 1974, p. 87).

<sup>17</sup> Etimologicamente *in-fans* refere-se a ‘não falar’ e vemos Macunaíma falar apenas com 6 anos e justamente: *ai que preguiça!*

O personagem Macunaíma, de Mário de Andrade (1974), com seu protagonista sem nenhum caráter, que na negação ou ausência, podemos visualizar a constituição de todos os presentes na sua obra: o negro, o branco e o indígena. Cabe ressaltar que a dialética da colonização brasileira é marcada por perversos processos, do genocídio aos povos indígenas originários aos africanos e africanas escravizados/as, primeiros/as imigrantes que, apesar da dor e do horror da condição desumanizadora da sua travessia África-Brasil, produziram cultura e deixaram um rico legado dessa resistência, como é o exemplo das *abayomis* – amuleto, bonequinhas feitas com retalhos das roupas das mulheres, para as crianças brincarem e viverem suas infâncias possíveis.

Também destacamos que nossa pedagogia macunaímica, antropofagicamente vem nutrindo-se do feminismo negro, pois são as mulheres negras, *matripotentes*, como afirma Carla Akotirene, que na sua preciosa publicação *Interseccionalidade* (2019), onde historiciza o conceito, exalta e afirma

A coragem de Kimberlé Crenshaw de cunhar a interseccionalidade no âmbito do Direito, setor branco e elitista, reserva o caráter ético da mulher negra iletrada que leva o celular escondido na vagina para atender o filho preso. (...) Certamente o Atlântico gera maresia feminista durante a travessia interseccional. Longe de ser fragmentada, liberal e cisheterossexista, a interseccionalidade é dimensão prática, precisamos do horizonte enquanto os navios estão atravessando, mas a fome de justiça depende da vida garantida agora. (AKOTIRENE, 2019, p. 112).

Essa perspectiva de resistência, da interseccionalidade atlântica com sua irreverência de desobediência sistêmica (AKOTIRENE, 2019), muito nos inspira para as infâncias migrantes em movimento, pois estas são permeadas por fissuras com muitas contradições. Segundo a legislação brasileira vigente, são sujeitos com seus direitos assegurados, ao menos de acesso à saúde, moradia e sobretudo educação, mas que nos instigam em relação ao direito à infância, que nem sempre é compreendido pela perspectiva adultocêntrica, que regula essas normatizações, bem como da realidade brasileira revestida por inúmeras desigualdades sociais.

Porém, acreditamos que são possibilidades pedagógicas, políticas e poéticas, pois são investidas transversais de novas presenças, novos saberes, novas línguas, linguagens e diversidades, transgressões e rebeldias. É nesse sentido que visualizamos nesse fenômeno a potência antropofágica, a partir da consciência do caldo cultural que forma a cultura brasileira de adversidades colonizadoras às diversidades criadoras, refletindo acerca da educação que temos e a que queremos, de defesa de uma pedagogia da infância macunaímica, que nos coloca como agentes de transformação social perante a comédia-drama-trama infantil.

**Imagem 5:** Foto da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) na época em que cuidava de menores carentes e se localizava num edifício no bairro paulistano Pacaembu, 1999.



**Fonte:** Foto de Sebastião Salgado. <https://www.museudeimagens.com.br/febem/>  
Acesso em: 1 maio 2020

O que cabe numa imagem? Cabe destacar algumas experiências do passado em relação às infâncias brasileiras. Na foto acima, vemos um retrato polêmico, ressaltando que a FEBEM foi criada em 1973 para atender a crianças e adolescentes em conflito com a lei – infrações, abandono- durante décadas a Febem foi palco de violências<sup>18</sup> e alvo de denúncias que ganharam o noticiário nacional e internacional entre o fim da década de 1990 – principalmente após a promulgação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente - e início dos anos 2000, nos acirrados debates de violação dos direitos humanos que permeiam a história pós ditadura no Brasil.

História de luta e pesquisas de pesquisadoras/es e militantes envolvidos com os direitos das crianças e adolescentes, que desde os anos 1980 assumiram posição crítica e de denúncia perante dados inflacionados de crianças em situações de rua, buscando desconstruir os estereótipos que envolvem o imaginário social perante essa realidade. A grande maioria das crianças pesquisadas por Rosenberg que viviam na Praça da Sé em São Paulo frequentavam suas casas e suas famílias (ROSEMBERG, 1994).

A imagem, que para nós vai além da tragédia infantil que permeou o fracasso institucional da FEBEM, remete à beleza e potência do coletivo infantil; dialeticamente nos incita a uma tarefa histórica e constante do tempo presente, que remete a uma questão central na reflexão acerca das infâncias e as migrações internacionais. Compreendemos que as crianças migrantes na contemporaneidade, nas condições de crise estrutural que vivenciamos, em muitos contextos, são carentes, na perspectiva de

<sup>18</sup> A FEBEM foi extinta em 2006 mas estudos apontam que os problemas continuam. <https://www.brasilefato.com.br/especiais/especial-or-a-febem-nao-morreu> Acesso em: 14 maio 2020.

estrutura material, sem casa, e deveriam estar sob responsabilidade do estado – democrático, de direitos e, portanto, na nossa concepção, estar sob a responsabilidade de toda a sociedade.

Cabe a reflexão crítica de problematizar essa responsabilização coletiva, no estado que temos e no que queremos, ressaltando que na sociedade capitalista, racista e patriarcal, com seus perversos fundamentos de organização social que a sustentam, atravessam questões de classe, gênero, raça/etnia, evidenciando o fracasso humanizador perante os altos índices de violências das infâncias e a vida das mulheres, em que a casa e a família nem sempre são lugares de segurança, proteção, direitos, na realidade nua e crua no Brasil (SAFFIOTI, 2015).

Os alarmantes índices de feminicídio no Brasil refletem o desfecho trágico de um processo colonizador que tem na cultura da violência a sua base estrutural das relações de poder, ou seja, uma dialética da violência, em que mata-se por 'amor', estupro e abusos sexuais são constantes pela força do homem, que tem no corpo e na vida das mulheres e crianças um direito secular de posse, em uma lógica tríplice patriarcal: tradição, família e propriedade (SILVA, 2015a). Lógica construída historicamente pelas narrativas religiosas, legitimadas pelo estado e sustentadas por projetos educacionais e suas pedagogias colonizadoras, assim como as novas formas de guerras, com um cenário bélico que amalgama o estado, espaço público e privado, e tem na violência contra as mulheres e crianças um objetivo estratégico, através das pedagogias da crueldade (SEGATO, 2014).

Nesse processo de dor e de horror, refletimos em como a cultura da violência, violência patriarcal<sup>19</sup> (hooks, 2018), apresenta um perverso projeto político-pedagógico de extermínio, genocídio e desumanização de uma grande parcela da população, os excluídos da história, descartáveis: jovens negros, mulheres negras, as mulheres que dizem não, "crianças sem pai ou dono"<sup>20</sup>, refugiadas, infâncias apátridas<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> Em um precioso ensaio intitulado *Pelo fim da violência*, bell hooks (intelectual negra estadunidense, teórica feminista, crítica cultural, artista e escritora) defende o termo "violência patriarcal" para problematizar a cultura da violência que estrutura as relações de poder na sociedade capitalista.

<sup>20</sup> Parafraseando o fragmento final do clássico curta-metragem *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado, que em off narra as mulheres e crianças miseráveis no lixão buscando alimentos deixados pelos porcos, salientando que o fato dos seres humanos estarem depois dos porcos na escolha dos alimentos é por não terem dinheiro nem dono, que umas das coisas que diferenciam os humanos dos animais é de sermos livres, mas a liberdade é um estado, com condições históricas.

<sup>21</sup> Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), 10 milhões de crianças são apátridas e pelo menos 20 países mantêm leis que negam a nacionalidade ou permitem sua retirada em razão da etnia, raça ou religião; além disso, 27 países têm leis que não permitem que as mulheres passem sua nacionalidade a seus filhos na mesma base que os homens. <https://nacoesunidas.org/onu-10-milhoes-de-criancas-sao-apatridas-agencia-pede-medidas-urgentes/> Acesso em: 10 maio 2020.

Cabe a nós, pesquisadoras/es, criancistas e criancólogas/os, defensoras/es dos direitos humanos, refletir a respeito das crianças imigrantes, migrantes, 'carentes', todas as crianças, até as *mudas telepáticas*...e vê-las, propor políticas públicas, ações também pedagógicas de educação e cuidado.

No momento de sua "morte", Macunaíma retruca: "NÃO VIM NO MUNDO PARA SER PEDRA". É um grito de revolta contra o destino, inevitável das culturas, de se tornarem pedra. Macunaíma prefere sair do mundo para virar tradição. A referência à petrificação aparece em mais uma situação. Ao deixar São Paulo, Macunaíma "vira" a cidade "num bicho preguiça todinho de pedra". A luta entre Macunaíma para a recuperação da muiraquitã é contra Venceslau Pietro Pietra. Venceslau representa a cultura do imigrante italiano, é o europeu, em italiano, Pietra é pedra. Como a muiraquitã é o símbolo da união da raça brasileira (Macunaíma) com a natureza tropical (Ci, a mãe do mato), a tentativa do europeu de ficar com a muiraquitã é uma metáfora da idéia de Mário: o europeu está roubando a possibilidade brasileira de ter uma cultura.<sup>22</sup>

A passagem reflexiva a respeito de *Macunaíma* nos remete novamente ao Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade, citado anteriormente, que nos inspira a pensarmos uma metodologia pós-colonial que, na questão da resistência política, tem sua centralidade formativa e incita em como poderemos construir estratégias políticas no campo educacional brasileiro.

Visualizamos para estes dilemas contemporâneos, a potência do movimento feminista, da maré feminista negra (FIGUEREIDO, 2020) com suas epistemologias insubmissas decoloniais ao feminismo marxista, que vem discutindo a divisão sexual do trabalho e a crise do trabalho reprodutivo na contemporaneidade, com a retomada política das greves nos Dias Internacionais das Mulheres - 8 de março (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, reforçando as pautas da violência de gênero, a exploração e opressão das mulheres trabalhadoras, assim como problematizando a instituição família como eixo do poder patriarcal nos desafios da educação e o cuidado das crianças pequenas, que historicamente tem sido responsabilidade das mulheres.

Nessa direção, uma proposição que nos tem instigado no percurso criativo de interlocução da literatura modernista crítica com a pedagogia como ciência da prática vem da *práxis* feminista e da revolução em curso que estamos vivenciando no Brasil, em outros países da América Latina e diversos países pelo mundo, como possibilidade de articulação transnacional, como possibilidade de pautarmos os dilemas das infâncias

---

<sup>22</sup> Fragmento extraído do trabalho *Teorias Históricas em Macunaíma*, de Fabricio Torres de Souza, que faz parte de uma publicação coletiva virtual do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, com diversas análises de estudantes-pesquisadoras/es sobre a obra *Macunaíma* de Mario de Andrade, disponível em <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00002.htm> Acesso em: 5 maio 2020.

migrantes para além das fronteiras territoriais, mas como projetos comunitários com outras lógicas de organização social (FEDERICI, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: POÉTICO MÁTRIAFESTO!

A língua é minha Pátria  
eu não tenho Pátria: tenho mátria  
(*Língua*, de Caetano Veloso, 1984)

*Da pátria mãe gentil*, do mito hino fundador à mátria concreta das vozes das mulheres mães-professoras-pesquisadoras-poetas-ativistas de luta, que língua nos atravessa na perspectiva de uma politização radical das infâncias migrantes? Língua afiada e sonora que nos mobiliza na necessidade coletiva de criarmos estratégias anticapitalistas, antipatriarcais que possam contribuir para a descolonização do pensamento pedagógico clássico – desenvolvimentista, sexista, machista, racista, civilizatório, adultocêntrico e retomar possibilidades fora do eixo eurocentrado de normatização da vida e organização social.

Inspiramo-nos nas narrativas do passado, nas lendas das Amazonas e seus mitos, como o Muirakitã, que incitam o poder feminino a outras estruturas de reprodução social, com a *obsolescência das tarefas domésticas* vinculada à perversa divisão sexual do trabalho e do abominável desejo de lucro capitalista (DAVIS, 2016), com distintas vinculações de afeto e cuidados como o matriarcado da utopia antropofágica

Esse passado onde o domínio materno se institui longamente, fazendo com que o filho não fosse de um só homem individualizado, mas sim, o filho da tribo, está hoje muito mais atenta e favoravelmente julgado pela sociologia do que no tempo das afrontosas progenituras que fizeram a desigualdade do mundo. Caminha-se por todos os atalhos e por todas as estradas reais para que a criança seja considerada o filho da sociedade e não como de um irresponsável, de um tarado ou de um infeliz que não pode lhe dar educação e sustento. A tese matriarcal abre rumo. (ANDRADE, 1990, p. 213).

O rumo que vislumbramos e defendemos neste ensaio tem como princípio a radical transformação da sociedade, inspirada pela grande lutadora comunista Rosa Luxemburgo que, com seu pensamento marxista divergente, foi visionária, ao apontar o 'progresso' e a 'civilização' como mitos e também eixos da opressão e exploração capitalista, com a inevitável ruína econômica, cultural e ambiental de diversos territórios no perverso processo colonizador (LOUREIRO, 2018). Rosa acreditava que na crescente insegurança da existência no capitalismo, há a ação autônoma das massas, proveniente



da necessidade histórica que as impele à auto-organização, e tinha a aposta central que no princípio não é o verbo, mas sim a ação que move as grandes transformações.

"Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres" (LUXEMBURGO, 1991), utopia para as crianças imigrantes e todas as infâncias brasileiras. E assim como iniciamos com uma epígrafe poética, política, convocando à ação, que em meio ao horror capitalista que vivemos nos convoca a com coragem conjugar a práxis, pois luto é verbo e a vida é luta. (SILVA; FARIA; FINCO, 2019).

Porém, ainda é inevitável ressaltarmos o silenciamento histórico da área educacional com a questão feminina que emerge com os movimentos sociais, sobretudo na Educação Infantil junto à luta feminista (TELLES; SANTIAGO; FARIA, 2018), uma área efervescente no campo educacional brasileiro, com pesquisa, práticas e políticas públicas que, dentre muitas lutas, vêm apontando para os desafios e as contradições de uma pedagogia das diferenças.

Salientamos que vivemos em tempos sombrios à nossa frágil democracia, com sérios ataques político-ideológicos, muitos retrocessos em curso no campo dos Direitos Humanos, da perda de direitos trabalhistas, passando pelo brutal assassinato da vereadora negra, lésbica, favelada Marielle Franco, ao aumento avassalador dos índices de feminicídio.

Mas seguimos com otimismo, na defesa de que a pedagogia macunaímica, enquanto pedagogia interseccional descolonizadora, possa contribuir ao visualizar uma educação emancipadora desde o nascimento, com professoras/es, educadoras/es descolonizando o pensamento, questionando todas as formas de autoritarismo e abolindo todas as formas de violência, opressão e exploração humana.

Por fim, enfatizamos nestas considerações nossa hipótese central, de que as migrações internacionais estão imbrincadas em um contexto global de crise estrutural do sistema capitalista que tem na violência patriarcal sua mais nefasta manifestação, que recai sobre os corpos das infâncias migrantes, nos incitando a transgredirmos nossas categorias de análises, identificando as contradições e possibilidades de superação da tragédia infantil que vivenciamos.

Neste movimento, retomamos a poética no chamado inicial de Audre Lorde, em um epílogo com umas das maiores vozes da poesia contemporânea no Brasil, a grande Conceição Evaristo (2008), mulher negra, professora, poeta, que tem na potência de seus versos palavras que ecoam Marielles e Beatrizas, Presentes!!! Vítimas da violência

patriarcal, mas que também ressoam em novos ecos que reexistem de uma revolução feminista, negra, indígena, afro-latinoamericana em curso!

## A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES

Conceição Evaristo

Em memória de Beatriz do Nascimento<sup>23</sup>

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
vaginas abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas luas  
afastam delas e de nós  
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa milenar resistência.

---

<sup>23</sup> Para conhecer mais a respeito da trajetória intelectual de Beatriz do Nascimento, “mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora”, ver texto de Alex Ratts, Prof. do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG, coordenador do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Descendentes (NEAAD/UFG), autor do livro *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Instituto Kuanza. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-trajetoria-intelectual-ativista-de-beatriz-nascimento/> acesso em: 10 maio 2020.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: José Olympio Editora, 1937.
- ANCONA LOPES, Telê Porto. **Macunaíma: a margem e o texto**. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1974.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma o Herói sem Nenhum Caráter**. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A. 1974.
- ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo. Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BRASIL. **Lei nº 6.815**, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração.
- BRASIL. **Lei nº 13.445**, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília, DF, maio 2017.
- BUSATTO, Cleber César. De Projetos a Projéteis: a trajetória da violência contra os povos indígenas no Brasil. In: Conselho Indigenista Missionário – Cimi (relatório) **Violência contra os povos indígenas no Brasil**, 2015.
- CONDE, Soraya Franzoni; ALCUBIERRE Karina Strohhaecker Lisa. Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis. **Revista Katálisis** – Espaço temático: Fronteira, Migrações, Direitos Sociais e Serviço Social, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 358-368, maio/ago. 2018.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEMARTINI, Zeila B. Fabbri. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. **Pro-Posições**. Campinas: v. 15, n. 3 (45) -. set./dez. p. 215-23, set./dez. 2004.
- EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. **Cadernos Negros**. Rio de Janeiro, v. 19, p. 26. Junho 2008.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educ. Soc.** Campinas: v.20 n.69. p.60-91, Dez. 1999.
- FEDERICI, Silvia. Na luta para mudar o mundo: Mulheres, Reprodução e Resistência na América Latina. Tradução de Luciana Benetti Marques Valio. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e70010, 2020.

- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.
- FREITAS, Marcos Cezar de; SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. **Cadernos de Pesquisa SP**: v.45 n.157 p.680-702 jul./set. 2015.
- GRAJNER, Deborah E. **Crianças Refugiadas**: Um olhar para a Infância e seus Direitos. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- LAERTE. **Suriá a garota do circo!** SP: Devir/Jacarandá, 2000.
- LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LOUREIRO, Isabel. Rosa Luxemburgo e a expansão do capitalismo: uma chave marxista para compreender a colonialidade? In: CAHEN, Michael; BRAGA, Ruy. (Orgs.) **Para além do pós (-) colonial**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 77-91.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A revolução russa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MANKELL, Henning. **A comédia infantil**. São Paulo: Marco Zero, 1998.
- MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. Crianças desacompanhadas na América Latina: reflexões iniciais sobre a situação na América Central. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*. Bauru, v. 5, n. 1, p. 77-96, jan./ jun., 2017.
- MOTA, Marinete L. **A criança na fronteira amazônica**: o viver no fio da navalha e o imaginário da infância. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal da Amazônia, Manaus, 2016.
- NORÕES, Katia Cristina. **De criança a estrangeira, de estrangeira a criança**: mobilização social, agenda política e educação pública no município de São Paulo. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Relatório anual da ACNUR. **Tendências Globais** (*Global Trends*, 2016).

PAVEZ-SOTO, Iskra. Los significados de “ser niña y niño migrante”: conceptualizaciones desde la infancia peruana en Chile. *Polis, Revista Latinoamericana*, Volumen 12, Nº 35, p. 183-210, 2013.

RIBEIRO, Julia D. *Por um Pedaco de Terra ou de Paz - Crianças Refugiadas no Brasil*, Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes – Depto. de Jornalismo. PUC/SP, 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. Estimativa de crianças e adolescentes em situações de rua na cidade de São Paulo. **Cadernos Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 30-45, nov. 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Solange Estanislau; SANTIAGO, Flávio; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina Elias; FARIA, Ana Lúcia, Goulart de. (Orgs) **Pedagogias descolonizadoras e infâncias**: por uma educação emancipatória desde o nascimento. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

SEGATO, Rita L. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. **Revista Sociedade e Estado** (Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília) Vol. 29 Número 2 , p. 341-371, Maio/Agosto 2014.

SILLER, Rosali Rauta. **Infância, educação infantil, migrações**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Adriana Alves; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Lute como uma menina! O verbo é lutar deste o nascimento na vida de meninas e mulheres. *In*: ALVARENGA, Marcia S.; TAVARES, Maria Tereza; MACHADO, Rita Fraga. (orgs.) Dossiê Rosa Luxemburgo, mulheres, liberdade e revolução. **Revista Historiæ**, Rio Grande, v. 10, n. 1, p.59-82, 2019.

SILVA, Adriana Alves. Niunamenos: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência. *In*: FINCO, Daniela; SILVA, Adriana Alves; FARIA, Ana Lúcia de Goulart de. (orgs.) Dossiê Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-seis** (UFSC) p. 221-234 jan-jul 2018.

SILVA, Adriana Alves. A fertilidade me sufoca: maternidade, feminismo e creche. *In*: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (orgs.) **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas,FCC, 2015 a, p. 35-55.

SILVA, Adriana Alves, FINCO, Daniela. Cinema, transgressão e gênero: as infâncias de Baktay e Wadjda. *In*: GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi; ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. (Orgs.) Dossiê Gênero, Mídia e Infância. **Revista Perspectiva** (UFSC), v. 33, p. 933-960, 2015.

SILVA, Adriana Alves, FINCO, Daniela. **A Estética da Infância no cinema**: poéticas e culturas infantis. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2014.

SILVA, Sidney A. da. Amazônia na rota das migrações. O caso dos haitianos e os desafios às políticas públicas. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez., p. 138-153, 2015b.

SOUZA, Fabricio Torres. Teorias Históricas em Macunaíma. In: *Especial: Macunaima*. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem Unicamp, s/d.

TELES, Maria Amélia A.; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Orgs.) **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 250-277.

VELOSO, Caetano. **Língua**. Álbum Veloso, Gravadora Philips Brasil, 1984.

## FILMOGRAFIA

**Assunto de família**, Kore-Eda Hirokazu, Japão, 2018.

**A vida em mim**, Kristine Samuelson, John Haptas, Suécia, 2019.

**Cafarnaum**, Nadine Labaki, Líbano, 2019.

**Capitães da Areia**, Cecilia Amado, Brasil, 2011.

**Comédia infantil**, Solveig Nordlund, Moçambique, Portugal, Suécia, 1988.

**Ilha das Flores**, Jorge Furtado, Brasil, 1989.

## NOTAS

### DA COMÉDIA INFANTIL: ENTRELAÇANDO GÊNEROS, CLASSES, RAÇAS E INFÂNCIAS ESTRANGEIRAS

Of child *comedy*: intertwining genders, classes, races, and foreign childhoods

**Adriana Alves da Silva**

Doutora em Educação (Unicamp)

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Santa Catarina, Brasil

[silvadida07@gmail.com](mailto:silvadida07@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-1407-783X>

**Ana Lúcia Goulart de Faria**

Doutora em Educação, pós doc Università di Milano Bicocca

Universidade Estadual de Campinas UNICAMP

São Paulo, Brasil

[cripeq@unicamp.br](mailto:cripeq@unicamp.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-1886-3790>

### Endereço de correspondência do principal autor

Av. Madre Benvenuta, 2007. Itacorubi, CEP 88.035-901, Florianópolis, SC, Brasil.



## AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** A. A. Silva, A. L. G. Faria

**Coleta de dados:** A. A. Silva, A. L. G. Faria

**Análise de dados:** A. A. Silva, A. L. G. Faria

**Discussão dos resultados:** A. A. Silva, A. L. G. Faria

**Revisão e aprovação:** A. A. Silva, A. L. G. Faria

## CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## FINANCIAMENTO

Não se aplica.

## CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

## HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 22-05-2020 – Aprovado em: 20-11-2020